

30/01/2013 – ENTREVISTA COM SILVIA BAFFI

escrito por Ana Miranda | 10 de junho de 2014

A nossa entrevistada de hoje é a enfermeira Silvia Baffi, um ícone da enfermagem em Central de Material e Esterilização (CME). Profissional sempre preocupada com as questões técnicas e éticas da profissão, participou ativamente de um grupo de estudos (Grupo de Enfermagem em Centro Cirúrgico)-GECC, na década de 90 que sabidamente foi o precursor da atual SOBECC (Associação Brasileira de Enfermeiros de Centro Cirúrgico, Recuperação Anestésica e Centro de Material e Esterilização), hoje uma associação de reconhecimento internacional que nos enche de satisfação e orgulho. Além desta participação relevante que ajudou a escrever a história da enfermagem em Centro de Cirúrgico e CME, no Brasil ela tem muito mais a nos contar, sabe-se que é especialista na área de CME, e atua como consultora, também é membro da ISO (International Standard Organization).

NASCE: Silvia, fale um pouco sobre a sua trajetória profissional.

Eu me formei na UNIFESP em 1979 e trabalhei por 5 anos em unidade de internação e setor de Educação Continuada num hospital público de grande porte da cidade de SP. Neste mesmo hospital fui transferida para o Centro Cirúrgico e à CME (era conjugado ao setor). Na verdade a CME era um setor agregado ao CC e ninguém dava muito crédito para o que acontecia por lá. No fim dos anos 80, início dos anos 90 a CME começou a ganhar projeção como uma unidade de custos e não de gastos, pois a administração do hospital começou a enxergá-la como um “bastidor” importante para apoiar a entrada de recursos financeiros trazida pelas intervenções cirúrgicas. Fiz parte da primeira turma de Especialização em Enfermagem em Centro Cirúrgico e CME que houve na USP, em 1988. Foi como um universo que tivesse se aberto para mim. Foi aí que eu percebi

o quanto eu estava apaixonada pelo setor no qual eu trabalhava – CME. Depois disso, fiquei alguns anos morando fora de São Paulo e quando voltei, fui convidada a desenvolver um trabalho desafiante, na época, que foi a

área comercial/técnica. Fiquei nessa área durante 18 anos. Não existiam enfermeiras trabalhando nessa área. Fui muito criticada na época, pelas próprias colegas que diziam que eu estava “renegando minha essência de enfermeira”.

Aí eu escrevi um artigo para a revista da SOBECC – “Da competência à versatilidade”, acho que foi publicado em 2001/2002, onde relatava parte dessa história, minha e de algumas colegas iguais, que tiveram a ousadia de se aventurar num terreno desconhecido na época.

Tenho certeza que muitas mentalidades mudaram desde então, aja vista o número imenso de enfermeiras trabalhando nessa área hoje em dia. Fiz mestrado em Saúde do Adulto na USP em 2002. Sobre um assunto muito “indigesto” para a época: Reutilização de artigos de uso único. Ganhei 1º lugar de melhor trabalho na Sobecc em 2002.

Fui professora universitária para as Faculdades São Camilo de São Paulo e de Brasília para a pós Graduação, durante 2 anos.

Depois eu fui trabalhar na área industrial, por 3 anos, como consultora de processos para autoclaves e Termodesinfetadoras. Hoje estou como consultora independente e tenho minha própria empresa. www.silviabaffi.com. Não é fácil pensar como empresária depois de tantos anos trabalhando para outros, mas o desafio é estimulante!

NASCE: Pra você o início da sua trajetória foi a base para seus outros projetos? Sim e não.

Sim: O enfermeiro de CME era o mais invisível que existia na instituição e isso foi muito bom, pois me forneceu o desafio para divulgar o setor e o que se fazia nele. Trabalhar na CME por tantos anos me ajudou a construir todo o meu saber prático, Quando eu ministro palestras sobre o Papel do enfermeiro na CME e falo sobre isso, percebo a platéia se solidarizando com os meus pensamentos. Acrescento também

que trabalhar na área comercial por tantos anos, me fez chegar onde estou hoje, com minha empresa de consultoria.

Não: Justamente pelas mudanças radicais que aconteceram nesse setor, na década de 90, se eu tivesse ficado com a cabeça do início da minha carreira e como se pensava em esterilização na época, eu não teria chegado aqui. A nossa vida profissional é muito ativa e crescemos todos os dias (se a gente quiser acompanhar é claro!), então o início da minha trajetória não foi a base para meus projetos. Foram os caminhos trilhados e avaliados dia a dia que me fizeram chegar onde cheguei hoje. Puxa! São 33 anos de jornada... é muito tempo. E ainda acho que tenho muito que aprender e compartilhar!

NASCE: Você também atuou em empresas de material médico hospitalar, como foi a sua adaptação ao mundo das empresas?

É um mundo corporativo interessante. Foram 18 anos dedicados (nem todos os anos exclusivos). Você tem que mudar muito o pensamento de enfermeira assistencial e passar a pensar em produção, vendas, objetivos comerciais, etc. Quando o produto ou equipamento apresenta um defeito e sua colega liga reclamando, sua posição é muito delicada: você sabe que ela tem todo o direito de reclamar, pois um equipamento na CME quebrado é um problema IMENSO pra ela, mas você tem que contornar e resolver da melhor maneira, junto a gerencia da sua empresa.

Eu sempre pensei nesse seguimento da seguinte forma: a enfermeira de campo é a melhor profissional para ser a intermediária das negociações – empresa – hospital – comercial. Um dia você está num lado do balcão, outro dia você está do outro. É interessante esse conhecimento. Só a enfermeira tem. Ela vivenciou as dificuldades de um produto mal desenvolvido, ou da inadequação de um artigo a um determinado tipo de assistência.

Lembro bem de uma colega que implicava terrivelmente com a coluna de mercúrio para medir pressão arterial média. (Isso é velho hein?) ela foi lá e inventou um dispositivo para substituir o mercúrio. Não é lindo isso?

Quando trabalhei na indústria, construindo uma lavadora termodesinfectora eu deixava os engenheiros malucos. Queria um dispositivo aqui, um artefato de segurança ali. Eu adorei trabalhar nessa área! E eu pergunto? Quem mais saberia disso tudo? Só quem trabalhou com isso no dia a dia, isto é: a enfermeira! Mais ninguém!

NASCE: Que dicas você daria para as colegas que estão iniciando a carreira e atuam em CME? Dicas?

Seja corajosa (o). Seja apaixonada (o). Seja lutadora. Tenha brilho nos olhos... Não gosto de ouvir de colega dizendo: ah! isso não dá, isso é difícil. Eu posso dizer isso com toda a propriedade pois trabalhei em órgão público durante 13 anos e sempre consegui tudo que queria para o meu setor, poderia até demorar mas eu conseguia. Tem que lutar pelo que se quer... Alias, é assim na vida não?

NASCE: A enfermagem e o conceito saúde têm mudado bastante nesses últimos 10 anos. Hoje existe uma preocupação em nível mundial com segurança na saúde, e segurança pressupõe-se qualidade que, por sua vez, traduz atendimento a padrões e protocolos. Nesse sentido, qual a importância da participação do enfermeiro especialmente os que atuam em CME em participar de grupos técnicos de trabalho como ABNT e ISO?

Excelente pergunta. Eu participo das reuniões da ABNT desde 2008. No principio não entendia muito o processo de formação de normas, mas fui conhecendo aos poucos esse universo chamado ISO. O enfermeiro ou qualquer profissional que queira participar das reuniões para formatar ou internalizar normas é muito bem-vindo. Todo o conhecimento que o enfermeiro possui, contribuirá para a elaboração de normas para nortear os processos.

Eu participo do CB 26 que é o Comitê Técnico para assuntos da área Odonto Medico Hospitalar. Dentro do CB 26 encontra-se a Comissão de Estudos, CE 26 090 01 – Esterilização de Produtos para Saúde. Esse comitê é o espelho do TC (Technical Committee) 198 da ISO. Sterilization of Health Care Products –

www.iso.org. O coordenador do CE é Fernando Bustamante o qual está à frente do CE há quase 20 anos. Reunimo-nos em reuniões plenárias a cada 3 meses, na sede da ABIMO, prédio da FIESP. Na Av. Paulista, 1313.

NASCE: Quais comitês estão desenvolvendo trabalhos mais voltados para CME?

É a C E (comissão de estudo) 26 090 01 que citei acima. Na comissão, existem 14 grupos de trabalho – GT, divididos em assuntos específicos. Os mais voltados para a CME são:

GT 03 – esterilização por vapor saturado. Relator – Marcio Ferri

GT 04 – Indicadores biológicos – Relator – Suzana Casa

GT 06 – Indicadores químicos – Relator – Suzana Casa

GT 07 – Sistema de barreira estéril – (antigo Embalagem) –Relator – Kelly Bergonzi

GT 09 – Processos assépticos (inativo)

GT 10 – Esterilização química (inativo)

GT 11 – Critérios gerais para o processo de esterilização – Relatora Angélica Lapos

GT 12 – Informações para o reprocessamento de produtos esterilizáveis – Relator Dr. Luiz Carlos da Fonseca

GT 13 – Lavadora desinfetadora – Relatora Silvia Baffi

GT 14 – Esterilização por calor seco (inativo)

Os GT 01 – óxido de etileno e GT 01 – Esterilização por radiação ionizante, não envolvem diretamente à CME, mas está aberta a presença de qualquer profissional que queira participar.

NASCE: Como o enfermeiro pode participar desses grupos de trabalho ?

É só enviar um e-mail para mim, que sou a secretaria do CE, e providerei todas as informações sobre as reuniões de todos os grupos. Local, data, etc. A participação é voluntaria. silvia@silviabaffi.com.

Eu gostaria de acrescentar que, nas reuniões internacionais da ISO que participei nos últimos dois anos, Arlington, Paris e Londres, pude perceber claramente o empenho que os profissionais participantes, tanto da área industrial, quanto da área normativa de cada país se empenhavam em contribuir com seu conhecimento. Eles têm um orgulho muito grande em poder contribuir com a formação de normas em contribuir para o crescimento do seu país.

No Brasil ainda não está na nossa cultura. Eu e Fernando Bustamante estamos trabalhando fortemente para mudar essa mentalidade.

Obrigada!

Silvia Baffi
11 9 63470222